

## NÃO EXISTE “JOGAR LIXO FORA”: PERCEPÇÃO HUMANA SOBRE RESÍDUOS EM UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO URBANO

Ana Paula Lopes dos Santos<sup>1</sup>

Liorno Antunes Werneck<sup>2</sup>

Dalva Moraes Pinheiro<sup>3</sup>

Marcella Sales Moreira<sup>4</sup>

### Educação Ambiental

#### Resumo

A diminuição das verbas para as universidades federais afetou a prestação de diversos serviços nos Campi, entre os quais o destinado a área externa. Como consequência, os resíduos espalhados trouxeram incômodos, percebidos em conversas e postagens nas redes sociais. Diante disso, o Programa de Extensão Vida no Campus-UFF, que atua há 22 anos com ações de educação ambiental, averiguou junto a comunidade suas compreensões sobre o problema dos resíduos sólidos e potenciais veículos de doenças. Este trabalho objetivou levantar percepções, reflexões e sugestões sobre as formas adequadas de manejo dos resíduos sólidos num campus universitário. Tendo como base a ideia de que não existe “jogar lixo fora” e as conceituações trazidas pela lei 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos) desenvolvemos um levantamento, durante o 1º semestre de 2019. Para tal, elaboramos um questionário contendo 5 perguntas, aplicado a 50 frequentadores, abordados aleatoriamente, de modo a abranger o território do campus universitário do Gragoatá, em Niterói-RJ. Como resultado, ficou evidente o incômodo com os resíduos espalhados e com o excesso do consumo de descartáveis. Minicursos, projetos e disciplinas voltados para a educação ambiental estão entre as sugestões obtidas, que possuem uma aplicação prática e possibilitam pesquisas e envolvimento acadêmico. A melhoria na comunicação e as redes sociais são recursos apontados como imediatos e de baixo custo. Em suma, os resultados reiteram a importância de projetos de educação ambiental, como o Vida no Campus-UFF e justificam a necessidade de atuação para a promoção da interação humano-ambiental.

**Palavras-chave:** conservação de ambientes; resíduos sólidos; comportamento de consumo; educação ambiental.

<sup>1</sup> Prof. Dra. da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, [anapaulalopes.uff@gmail.com](mailto:anapaulalopes.uff@gmail.com).

<sup>2</sup> Gestor Ambiental da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, [vidanocampus.uff@gmail.com](mailto:vidanocampus.uff@gmail.com)

<sup>3</sup> Prof. Esp. da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, [pinheiro.rio@gmail.com](mailto:pinheiro.rio@gmail.com)

<sup>4</sup> Discente de Psicologia, Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, [marcellasmoreira39@gmail.com](mailto:marcellasmoreira39@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A atual política federal de diminuição de verbas para as universidades afetou a prestação de vários serviços nessas instituições, entre eles o de poda, limpeza e manutenção da área externa dos campi. Tal fato criou uma situação de grande incômodo, e alto risco a saúde, através do estado de abandono, resíduos espalhados e a falta de coleta seletiva. Essa situação se deve, em grande parte, a saída das firmas terceirizadas prestadoras de serviços. Mas o problema tem origem também na percepção humana sobre resíduos sólidos que, arraigada a conceitos e visões antiquadas e equivocadas, mantêm viva práticas como “jogar lixo fora”. A própria afirmação “jogar lixo fora” já carrega em si problemas a serem superados: a ideia de jogar fora, este senso de que existe realmente algum “fora” (do ambiente) onde algo desprezível deve ser jogado e a concepção de que há um lixo/lixreira presente no “fora”, onde se deve jogar algo menosprezado também chamado de lixo. Algumas questões fundamentais permanecem: “será possível as pessoas (especialmente em um campus universitário) abandonarem definitivamente o uso dessa expressão “jogar lixo fora”? Substituindo esta, seria possível usar a expressão “colocar os resíduos nos coletores”? Uma vez que a expressão “resíduos nos coletores” favorece a ideia/prática da coleta seletiva? Este trabalho objetivou levantar percepções, reflexões e sugestões sobre formas adequadas de manejo dos resíduos sólidos num campus universitário, em um momento de crise de recursos financeiros. Essas reflexões e sugestões servirão para orientação a elaboração de ações educativas, podendo ser direcionadas para uso diário em ambientes domésticos. Outro objetivo foi a reflexão sobre a importância da diminuição do consumo de produtos descartáveis, em razão do seu caráter poluidor e ameaçador para a saúde humana e ambiental. Tendo como base as novas conceituações trazidas pela lei 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos) foi desenvolvido um levantamento, pela equipe do Programa de Extensão Vida no Campus-UFF, com frequentadores do Campus Gragoatá, em Niterói-RJ, durante o 1º semestre de 2019. Os resultados apresentados adiante servirão também para equalizar o trabalho extensionista do Programa e as demandas, advindas da comunidade, podem subsidiar políticas e decisões universitárias mais amplas.

## **METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado a partir da aplicação de questionários contendo 5 perguntas (4 objetivas e 1 discursiva) a 50 frequentadores, abordados aleatoriamente, no campus universitário da UFF, no Gragoatá, em Niterói-RJ. Procurou-se compreender a percepção e pensamento desses frequentadores sobre o problema da presença de resíduos espalhados na área aberta do Campus e, ainda, seu conhecimento sobre a relação entre comportamentos de consumo, geração e presença de resíduos no ambiente. A 5ª e última questão, solicitava resposta discursiva e pedia explicitamente ao entrevistado que sugerisse soluções para o problema dos resíduos espalhados no local. A área geográfica do campus foi dividida em 5 partes, visando que a coleta de dados fosse espacialmente representativa de todo território. A enquete do levantamento da percepção dos usuários foi realizada fisicamente por voluntários do Programa. Os dados foram obtidos durante o primeiro semestre letivo de 2019.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na 1ª questão da enquete foi solicitada a resposta do nível de incômodo pessoal dos resíduos espalhados. Dos dados obtidos, ressaltou-se o alto nível de incômodo com os resíduos espalhados relatado pelos frequentadores, 68% dos participantes relataram muito ou extremo incômodo. A questão 2 propõe reflexão e também foi alto (76%) o número de frequentadores que declararam perceber que a palavra lixo é inútil e deve ser substituída por resíduos sólidos.

A 3ª questão foi dividida em duas partes, permitindo uma análise mais consistente em relação ao problema do consumo de descartáveis. A primeira em relação aos impactos no ambiente e saúde e na segunda sobre a diminuição ou redução do consumo de descartáveis. Os resultados mostram um equilíbrio entre o número de frequentadores que afirmaram pensar no impacto que descartáveis tem na saúde/ambiente e os que afirmaram pensar em reduzir/substituir o uso de descartáveis. Os dados da segunda parte da questão mostram uma ampliação do número de frequentadores que afirmam quase nunca

pensarem em reduzir/substituir o consumo de descartáveis, isso pode ter relação com dificuldades em mudar hábitos.

Destaca-se na análise que houve incompatibilidade entre o alto nível de incômodo, manifestado através das respostas a 1ª questão, e a baixa compreensão sobre a atual urgência da separação de resíduos manifestada, que a 4ª questão se propôs a averiguar. Esse resultado se mostra incompatível com a necessidade de solucionarmos o incômodo gerado pelo problema dos resíduos espalhados, uma vez que a baixa compreensão dos frequentadores os induz a passividade e a não reivindicar, com urgência, a separação, o tratamento e a destinação corretos.

Na 5ª e última questão o entrevistado expõe sua percepção do problema e se vê confrontado com a necessidade de resolvê-lo, mesmo que de forma descompromissada e/ou fragmentária. É possível antever, parcialmente, qual a relação que o mesmo tem com o problema. Algumas das respostas sugerem que o problema seja aproveitado como objeto de estudos e intervenções por parte de professores e alunos, da própria instituição, organizados em projetos, disciplinas e outras atividades acadêmicas relacionadas. Não há grande surpresa quanto as sugestões mais mencionadas, posto que são intuitivas e básicas para a solução. Destacam-se duas sugestões pouco citadas: “extinção das lixeiras comuns” é de difícil realização posto que não existe ainda um previsão de implantação da coleta seletiva. E “criação de mídia/redes sociais para informar sobre o assunto” é uma sugestão de fácil implementação e manutenção e que atinge maior número de frequentadores.

Dos resultados da enquete extraiu-se significativas informações que, associadas a experiência acumulada em intervenções anteriores pela equipe da pesquisa, confirmam a validade de seu uso como norteadoras de futuras intervenções, permitindo ainda a escolha de estratégias de Educação Ambiental adequadas ao encaminhamento de soluções para cada principal fator gerador de resíduos espalhados.

## CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações humanas interferem diretamente no ambiente. Elas são influenciadas por pensamentos, hábitos e o comportamento em geral. A medida que a degradação ambiental se alastra, devido a falta de cuidado, torna-se urgente mudanças no processo educativo visando comportamentos favoráveis e sustentáveis a saúde humana e ambiental. Muitas das sugestões obtidas na enquete possuem uma aplicação prática, e algumas já foram implantadas (os minicursos e placas de orientação). A sugestão de extinção das lixeiras comuns não pode ser aplicada, momentaneamente, isso levaria a ampliação dos resíduos espalhados pelo campus, o que é contrário às nossas necessidades. A sugestão “implementação de projetos voltados a problemas ambientais” amplia possibilidade de pesquisas e geração de propostas de solução pelos alunos, criando uma cultura de participação e co-responsabilidade pelo campus. Ela reforça a necessidade da existência de projetos e programas, como o Vida no Campus, pois efetivamente atuarão para a qualidade ambiental local.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2010.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental, princípios e prática.** São Paulo, Gaia, 2000.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias.** Campinas, Papirus, 1989.

PATO, C. **Compartmento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais.** Tese (doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PATO, C. M. L.; CAMPOS, C. B. Comportamento ecológico. In. CAVALCANTE, S.; ELALI, G. **Temas básicos em psicologia ambiental.** Petrópolis, Vozes, 2011.

WERNECK, L.; PINHEIRO, D.; et al. Reciclagem, Coleta Seletiva e Formação de Agentes Ambientais para uma Nova Visão Tecnológica do Resíduo como Recurso. Poços de Caldas, **Anais do IX CNMA**, 2012